

Collor manda recado duro a credores

Ao traçar ontem as principais linhas da política externa a serem desenvolvidas no seu governo, o presidente Fernando Collor deu um aviso claro aos credores externos do País, através dos diplomatas brasileiros e embaixadores creditados no Brasil presentes, no auditório do Itamarati, às comemorações do Dia do Diplomata: "Nossa dívida maior é com o desenvolvimento nacional e a redenção econômica dos trabalhadores brasileiros e a justiça social".

Collor afirmou que adotou um elenco de medidas que colocou o País na direção do progresso econômico-financeiro, e a resposta favorável ao programa reforçou a crença no acerto do plano. "Com essa autoridade, sentimo-nos agora confiantes para cobrar participação mais ativa do Brasil nas grandes decisões internacionais", enfatizou o Presidente. Collor criticou os países desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos, por impedirem a entrada das nações em desenvolvimento no fechado clube dos detentores.

Lembrou que para ingressar no grupo, os países "dependiam de um atestado de boa conduta, passado por um pe-

queno clube de países, auto-investidos no papel de juizes supremos da consciência ética internacional". O Presidente pediu aos formandos que trabalhem para recuperar a imagem do Brasil no exterior, segundo ele, prejudicada pela frivolidade, "quando não pela má-fé, de vozes irresponsáveis".

Nas seis páginas de seu discurso, Collor afirmou que a tônica da política externa brasileira "há de refletir a convicção generalizada de que este País quer mudar, e mudar depressa. Estamos cansados da promessa do País do futuro. Os problemas nacionais exigem solução urgente".

Lembrou, em sua fala, que a campanha das diretas-já, a nova Constituição e a mobilização cívica que culminou nas eleições presidenciais do ano passado, constituíram hipotecas de esperança, cujo resgate já não se pode adiar, sob pena de se frustrarem, de novo, as aspirações maiores da cidadania.

Antes do Presidente, discursaram o ministro Francisco Rezek; o orador da turma, Antônio Andreucci Neto; e o paraninfo, embaixador Antônio Houaiss.